

Pais enlutados na sociedade atual: uma análise sobre suas vivências cotidianas a partir de novos critérios diagnósticos  
*Bereaved parents in today's society: an analysis of their daily experiences from new diagnostic criteria*

**Silvia Helena Santos<sup>1</sup>, Wilson Oliveira<sup>1</sup>, Claudia Fabiana de Jesus<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL - Lorena, SP, BR  
(silsantos29@uol.com; olywil@gmail.com; clafaje@yahoo.com.br)

Recebido em 06 de março de 2015; Aceito em 13 de junho de 2015.

### Resumo

O luto é um processo em que a tristeza é sentida e expressada após a morte de um ente querido, apresentando uma variação individual em seu período de duração. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo compreender como o luto altera a cotidianidade dos pais, que tiveram filhos falecidos, identificando possíveis agentes geradores de uma má qualidade de vida. Foi adotada abordagem fenomenológica, com análise qualitativa dos dados, utilizando como instrumento o estudo de caso de cinco casais, que participaram de uma entrevista semi-estruturada. Os resultados revelaram que há uma diferença entre os membros do casal quanto à forma e tempo necessário para elaboração da perda. Todos os casais desenvolveram uma super proteção com os outros filhos, pois experimentam muita ansiedade frente à possibilidade de novas mortes. Pode-se concluir que o processo do luto é particular e singular e que o DSM-5 propõe uma ruptura com as etapas descritas para vivência do luto, bem como, com o período deste, já que pertencemos à uma sociedade imediatista e que não considera a subjetividade. Para os pais que buscaram ajuda, a maioria não acredita existir um profissional que lhes apontem o caminho da superação.

Palavras-chave: Análise Fenomenológica; Critérios diagnósticos.

### Abstract

Grief is a process in which sadness is felt and expressed after the death of a loved one, with individual variation in its duration. Thus, this research aimed to understand the grief changes the everyday life of the parents, who had deceased children, identifying possible generating agents of a poor quality of life. Phenomenological approach was adopted, with qualitative analysis, using as a case study of five couples who participated in semi-structured interview. The results revealed that there is a difference between the couple in the form and time required for the loss. All couples have developed a superprotection with the other children because experience much anxiety facing the possibility of further deaths. It can be concluded that the process of grief is individual and unique and the DSM-5 proposes a break with the steps to fight the experience as well, with the period of this, since we belong to will an immediate society and does not consider subjectivity. For parents who sought help, most do not believe there is a professional pointing them the way of overcoming.

Keywords: Phenomenological Analysis; Diagnostic criteria.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo surgiu da busca de novas estratégias de compreensão usada na fenomenologia, sendo mais subjetivo, para conhecer e descrever sobre o cotidiano de pais que tiveram a perda de um de seus filhos ainda na infância, assim como, para mostrar a importância da teoria (fenomenológica) para que profissionais da área de saúde possam acompanhar e prestar assistência aos casais que já passaram ou estão passando pela experiência do luto. Ao mesmo tempo faremos uma breve associação da caracterização do Luto com os novos critérios diagnósticos do DSM-5 (DSM-5, 2014).

Hoje no mundo em que vivemos pensar na própria morte tornou-se um tabu, um ato de covardia, pois esta reflexão coloca o ser humano diante de uma possibilidade insuperável e cuja responsabilidade somente ele estará entregue. Pensar na própria morte leva à angústia, por este motivo tenta-se de todas as maneiras encobrir este acontecimento, restando então uma tranquilidade indiferente frente ao “fato” de que se morre.

Junto com esta angústia vem à tona o fato de que a vida consiste em perdas e abandonos, com maior ou menor sofrimento, e que mais cedo ou mais tarde inevitavelmente todos nós passaremos por esta experiência.

Considerando o desenvolvimento humano é esperado que, pela ordem cronológica, os filhos enterrem seus pais, portanto a morte de um filho pode ser considerada para os pais uma das perdas mais dolorosas, pois envolve também a morte dos sonhos e das esperanças que estes tinham em relação ao filho.

Quando o luto é proveniente ao processo que se segue a perda de um filho, desde mortes naturais até as provocadas, denomina-se luto parental e muitos são os fatores que envolvem este tipo de luto: a inesperabilidade da morte que vai contra uma sequência cronológica, a natureza do vínculo que existia antes da morte, qual papel o filho desempenhava na família, como a morte ocorreu e qual foi a sua causa; entre outros. A partir destes fatores teremos uma grande diferença entre os pais que enlutam pela perda de um filho (RANGEL, 2008).

Tendo ciência então de que a morte é uma condição da vida humana e que ninguém esquece as lembranças de uma relação significativa, este tema torna-se de grande relevância ao mostrar a grande importância do processo do luto na vida de uma pessoa. A morte de um filho pode desequilibrar a homeostase, fazendo com que o enlutado procure por ajuda. Sentimentos de raiva e hostilidade podem ser direcionados para os outros, existem pessoas que criam um conflito que acaba se tornando seu modo de vida. É preciso respeitar este processo para que com o passar do tempo possamos lembrar da pessoa que faleceu com menos desconforto, deixando as lembranças do passado rumo a novas formas de relação.

## METODOLOGIA DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa feita com seres humanos, o projeto foi anteriormente encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté onde recebeu o protocolo número 492/11- aprovado.

Para alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa adotou os critérios de uma abordagem fenomenológica, onde foi considerado como fenômeno tudo aquilo que se mostra; aquilo que pode se tornar manifesto. Através de uma análise qualitativa, utilizando como instrumento o estudo de caso de cinco casais heterossexuais, em união estável, que participaram de uma entrevista semiestruturada.

Apesar da possibilidade da coleta de dados ser realizada na Clínica/Escola do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté - (UNITAU), todos os casais optaram para que a entrevista fosse realizada em suas próprias residências; as mesmas foram realizadas respeitando a disponibilidade de cada casal participante.

As entrevistas foram feitas com acessibilidade metodológica, não levando em consideração o nível de escolaridade e nem a classe social dos participantes. Além desses, outros critérios de inclusão foram adotados para que os casais pudessem participar da entrevista:

- . Ter sob seus cuidados mais do que um filho;
- . Morassem junto com a criança e compartilhassem seus cuidados;
- . Mais de um ano da morte da criança, que deveria ter no mínimo seis e no máximo doze anos.

Com estas delimitações buscou-se homogeneizar o tempo de convivência com o filho, tais como período escolar, atividades em família e fases de cuidados.

A metodologia utilizada teve o propósito de levantar o tipo de relação estabelecida com o filho antes da morte, evidenciando assim quais eram os pontos fortes desta relação. Foi solicitado a estes pais que descrevessem a situação da perda e que elencassem projetos e sonhos não realizados junto ao filho falecido, a concepção que cada participante tinha em relação à instituição família e a descrição das mudanças ocorridas no cotidiano da mesma, após a morte do filho. Questões como datas comemorativas sem a presença do filho, dificuldades enfrentadas diante desta ausência, cuidados com os filhos que ficaram e também se permaneceram juntos para enfrentar o processo de luto foram levantados na entrevista.

A análise dos dados foi realizada através do método fenomenológico de Giorgi, sendo um dos mais utilizados e conhecidos no campo na Psicologia Fenomenológica (MOREIRA, 2002). Assim, as análises destas entrevistas foram equiparadas, buscando evidenciar aspectos convergentes e divergentes no cotidiano destes pais.

Assim, apresentamos a seguir, um quadro com a síntese dos dados dos participantes.

	<b>Identificação dos casais</b>	<b>Idade que o (a) filho (a) tinha</b>	<b>Causa mortis</b>	<b>Quanto tempo se passou da morte da criança</b>
Casal I	R.R. – M.C.C.	Oito anos	Morte cerebral devido a um transplante de fígado.	Doze anos
Casal II	E.P.S.– V.R.S.	Doze anos	Edema agudo no pulmão	Onze anos
Casal III	A.E.J – S.G.E.	Seis anos	Tumor maligno na cabeça	Oito anos
Casal IV	V.A.A.	Cinco anos	Câncer	Um ano
Casal V	F.O.A.F.– M.R.M.F	Oito anos	Causa desconhecida.	Um ano

## **DESENVOLVIMENTO**

Parece que nunca se está pronto para lidar com a perda, desde a infância é ensinado que o importante mesmo é sempre ganhar e, quando acontece o confronto com a morte de uma pessoa próxima e querida se esquece de que a morte faz parte da nossa existência. Uma das grandes dificuldades de encarar o fim como parte da existência é que faz do luto uma experiência tão assustadora.

Quando um filho morre além de um ajuste emocional para enfrentar a situação individual, os pais também terão que enfrentar as alterações que ocorrerão no sistema familiar. A dor de perder alguém que se ama, revela emoções intensas e desconhecidas, dando a impressão de que a vida nunca mais será a mesma.

Por se tratar de uma perda tão significativa, esperada ou não, o comportamento destes pais frente a este acontecimento pode abalar todo o sistema familiar, porque a partir de então passarão a contar com uma outra realidade, que seria a de recordar momentos intensos passados ao lado da criança e de projetos que não deram tempo de serem realizados.

O luto é composto por fases, podendo ser distinta para cada pessoa, variando com a sua estrutura emocional e a sua capacidade de lidar com a perda, tendo passado por estas fases é que se torna possível voltar ao mundo externo e lembrar da pessoa que morreu de uma maneira que não cause tanto sofrimento na organização de seu cotidiano.

## LUTO

O luto causa impacto em todas as áreas de influência humana, proporcionando um grande desconforto, alterando as funções do corpo, podendo ser comparado com uma ferida, onde complicações podem surgir fazendo com que esta cura seja mais lenta ou em alguns casos uma outra ferida se abrirá no lugar daquela que estava se curando. Surge então as condições anormais do luto (PARKES, 1998).

Walsh, (2005), ressalta que cada indivíduo apresentará uma reação diferente diante da perda, dependendo de variáveis como idade e estilos de enfrentamento.

Este processo também pode ser visto como algo fortalecedor, pois sua experiência pode trazer maturidade para àquelas pessoas que de certa forma estiveram protegidas de qualquer desgraça, assim como a tristeza de viver o luto deve fazer parte da vida de qualquer ser humano. Negar este fato evidencia o despreparo para acontecimentos que inevitavelmente fazem parte de nossas vidas (PARKES, 1998).

Conforme aponta Bowlby (1998), através de observações acerca de como uma pessoa reage diante da perda, podemos dizer que durante semanas e meses suas reações geralmente passam por fases sucessivas, podendo haver oscilações durante algum tempo. Ainda segundo Bowlby, o luto se divide em quatro fases:

Na fase de **entorpecimento** a pessoa simplesmente não acredita naquilo que está acontecendo. Sua durabilidade pode variar de algumas horas a uma semana, podendo ser interrompida por explosões de raiva e aflição.

A segunda fase é a do **anseio e busca da figura perdida**, que pode durar meses ou até mesmo, anos. Uma característica comum nesta fase é a raiva, tanto daqueles que são os considerados responsáveis pela perda, quanto pelas frustrações diante de uma busca improdutiva.

Em seguida vem a **desorganização e o desespero**, onde é necessário que o enlutado atravesse e suporte essas oscilações de emoção, pois através desta tolerância aprenderá que a perda é irreparável e que sua vida precisa ser reconstruída novamente. Impossível fazer planos para o futuro até que este aprendizado aconteça.

A última fase é a de **maior ou menor organização**, pois no decorrer do primeiro ano de luto, a maioria das pessoas se conscientiza de que é possível estabelecer uma distinção entre padrões de pensamento, sentimento e comportamento que já não são mais adequados e, de outros que podem ser conservados.

Para que seja completado o processo de luto e o reestabelecimento do equilíbrio, é necessário que algumas tarefas sejam realizadas, quando não concluídas podem prejudicar o crescimento e o desenvolvimento futuro. Não seguem uma ordem específica e exigem do enlutado esforço e aceitação, pois o luto não é um estado e sim um processo. Worden (1998), partindo deste princípio, atribui ao luto quatro tarefas:

- 1- Mesmo quando a morte é esperada, sempre irá existir a sensação de que ela não aconteceu, por isso, a primeira tarefa é ter consciência de que realmente a pessoa morreu e que não faz mais parte do nosso meio. **Aceitar a realidade da perda** é uma condição que irá envolver não somente uma condição intelectual, mas também a emocional, por isso pode levar algum tempo.
- 2- É necessário **elaborar a dor da perda** e tomar conhecimento desta dor, ou ela vai se manifestar na forma de algum sintoma ou até mesma expressa através de uma conduta inadequada. Fugir desta fase, suprimir a dor, seria apenas prolongar o processo de luto.
- 3- **Ajustar-se a um ambiente onde está faltando à pessoa que faleceu**, esta percepção começa aproximadamente três meses após a perda. Não é raro uma pessoa enlutada sentir que não tem mais direção na vida. É importante saber que ninguém esquece as lembranças de uma relação significativa, mas este contato deve ser feito de uma forma que permita continuar nossas vidas depois da perda.

- 4- Uma das grandes dificuldades em **reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a viver** é o apego ao passado, mais do que continuar e formar novas relações.

Diante do processo do luto cada pessoa demonstrará um determinado tipo de reação. Pode-se passar de uma fase para outra e voltar a fase anterior apenas por descobrir um objeto, uma fotografia ou se deparar com um velho amigo que faça lembrar episódios que tragam lembranças de saudades e de dor (PARKES, 1998).

Na sociedade pós moderna, que sediz respeito a umestágio histórico, em que há um enfraquecimento do indivíduo enquanto um ser social, favorecendo assim seu individualismo, tem sido cada vez mais complexo pensar e lidar com a questão da morte, ressaltando-a como uma perda, frustração, já que nos tempos atuais, o que é mais valorizado é a questão do não poder perder e da não frustração, e sim da obtenção do prazer imediato. Ainda podemos ressaltar, como o momento da história da humanidade, em que o consumo de bens se faz tão ou mais importante quanto as relações sociais e/ou de pertencimentos.

Partindo desse princípio, temos que tomar cuidado quanto a patologização do processo do Luto, ainda mais quando consideramos a descrição do DSM-5 (DSM-5, 2014).

Esta categoria pode ser usada quando o foco da atenção clínica é uma reação normal à morte de um ente querido. Como parte de reação a essa perda, alguns indivíduos em sofrimento se apresentam com sintomas característicos de um episódio depressivo maior – por exemplo, sentimentos de tristeza e sintomas associados, como insônia, apetite reduzido e perda de peso. A pessoa enlutada costuma considerar o humor depressivo como “normal”, embora possa procurar ajuda profissional para alívio dos sintomas associados, como insônia ou anorexia. A duração e a expressão do luto “normal” variam muito entre diferentes grupos culturais. Mais orientações para que se diferencie luto de um episódio depressivo maior são partes dos critérios para episódio depressivo maior.

O diagnóstico de Transtorno Depressivo Maior geralmente não é dado, a menos que os sintomas ainda estejam presentes 2 (dois) meses após a perda. Entretanto, a presença de certos sintomas que são característicos de uma reação “normal” de luto pode ser útil para a diferenciação entre o luto e um Episódio Depressivo Maior. Exemplos:

- 1- Culpa acerca de coisas outras que não ações que sobrevivente tenha realizado ou não à época do falecimento;
- 2- Pensamentos sobre morte, outros que não o sentimento do sobrevivente de que seria melhor estar morto ou de que deveria ter morrido com a pessoa falecida;
- 3- Preocupação mórbida com inutilidade;
- 4- Retardo psicomotor acentuado;
- 5- Prejuízo funcional prolongado e acentuado;
- 6- Experiências alucinatórias outras que não o fato de achar que ouve a voz ou vê temporariamente a imagem da pessoa falecida.

Dessa forma, não seria mais permitido ao enlutado viver o luto mais do que 2 (dois) meses, pois poderá ser incluído no diagnóstico de Transtorno Depressivo Maior. Para a nova Classificação Americana para os Transtornos Mentais – DSM-5, há a retirada do Luto como critério de exclusão do Transtorno Depressivo Maior, portanto, se um indivíduo sofreu a perda de um ente querido há menos de 2 (dois) anos e apresenta sintomas “depressivos” - entende-se aqui sintomas normais pela reação da perda - por pelo menos 2 (dois) meses, ele poderia ser classificado com Transtorno Depressivo Maior.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através das narrativas dos pais verifica-se que as recordações de tudo aquilo vivido ao lado do filho ocupam um lugar importantíssimo em suas vidas. O vínculo afetivo criado entre eles ainda se faz muito presente, pois ao serem indagados a respeito de quantos filhos tinham, todos, de forma bastante natural incluíram o filho morto como membro da família.

Acreditar que a normalidade do cotidiano seria restabelecida ficaria fora de cogitação, pode-se constatar que a maioria dos casais desenvolveu diante da perda novas formas e habilidades para continuarem suas vidas, criando projetos e traçando planos para o futuro, só que agora, sem a presença do filho. Ocorrem situações no dia a dia que fazem com que esses pais resgatem a memória do filho, causando-lhes alegria, tristeza ou frustração.

Ainda podemos salientar e fazer apontamentos sobre os possíveis agentes geradores de uma má qualidade de vida para esses casais, como em alguns casos em que supostamente o pai ou a mãe optaram por se isolarem afastando-se do mundo, recusando a ajuda de outras pessoas, evitando a qualquer custo entrar em contato com quaisquer acontecimentos ou lembranças que os façam recordar de seus filhos.

Para aqueles que ainda não conseguiram elaborar o processo de luto, os efeitos da dor são, supostamente, tão devastadores quanto àqueles pelos quais passaram na época da morte, pois não conseguem fazer com que as lembranças tenham outro significado para suas vidas a não ser o de um vazio onde absolutamente nada ocupa.

De acordo com Walsh e McGoldrick (1998), a morte de um filho é a mais trágica de todas as mortes, para os pais o curso da vida é experimentado como fora de ordem se um filho morre antes deles. De todas as perdas, essa é mais difícil, porque não se idealiza uma criança morta.

R. (63 anos) relatou que o casal esteve sempre junto para enfrentar as dificuldades advindas do luto, apesar de não gostar de falar sobre o acontecimento o casal sempre conversava sobre o assunto, mesmo sendo contra sua própria vontade.

*“...sempre nós tava conversando e até com ela eu não gostava mais de comentar, começava a comentar já me irritava eu, já dava vontade de chorar, então eu largo tudo sozinho e saio e vou pra casa da minha mãe, lá eu fico lá, converso com a minha mãe, com as minhas irmãs.”*

Uma das grandes dificuldades encontradas por E. (57 anos) após a morte de seu filho, foi se organizar diante desta separação; tomar ciência que seu filho não fazia mais parte da família.

*“Rapaz, as maiores dificuldades, elas giram em torno de você se assentar agora, se organizar agora diante de uma separação dessas, sabe, é, foi tirado um ente de dentro da sua casa...se acomodar agora sendo que esta faltando aquele...”*

O fato de que alguém que nós amamos não existe mais no tempo e no espaço ainda é algo irreal, os pais esperam que seus filhos sobrevivam a eles, a morte de um filho é um acontecimento que vai contra a ordem natural das coisas (VIORST, 2010).

Segundo Worden (1998), aceitar a realidade da perda é uma condição que não envolverá somente a aceitação intelectual, mas também a emocional. Sempre existirá a sensação de que a morte não aconteceu e por isso, o enlutado precisa tomar consciência de que a pessoa realmente morreu e que já não faz mais parte do nosso meio. Se o enlutado não elaborar e tomar conhecimento da dor, ela poderá se manifestar futuramente na forma de algum sintoma ou até mesmo pela forma de um comportamento aberrante, fugir desta fase seria apenas uma maneira de prolongar o processo de luto.

Apesar de passados 11 anos da morte de seu filho, V. (52 anos) ainda mostra um grande ressentimento ao falar sobre o assunto, relata que demorou a aceitar a realidade da morte do filho, teve grandes dificuldades em dar continuidade à sua vida, pois tudo o que ia fazer lembrava do filho. Evita lugares que lembram o filho e não gosta de aniversários, pois justamente logo a comemoração do filho ele veio a óbito.

*“Nossa Senhora, na hora de fazer compra, nós chegava, tinha cada um tinha a sua bolachinha que queria, aí eu fiquei um bom tempo trazendo a dele, num tinha caído a ficha sabe? Na hora da comida também, colocava o prato dele na mesa...”*

*“Eu não gosto de aniversário. Porque o aniversário dele foi em Janeiro, aí a gente fez aniversário, foi pro Ubatuba, tudo com ele, tal, tal. Pra falar a verdade agora que eu fui pra praia, depois disso, que eu não ia, aí a minha menina “vamu, vamuu, a senhora precisa cuidar a I,” aí que eu fui, mas eu não ia.”*

Mesmo se tratando dos pais da criança que morreu pode-se observar que a maneira de lidar com o luto do filho é diferente de um para o outro; de acordo com Walsh (2005), quando uma perda ocorre dentro de uma família, cada indivíduo irá apresentar uma reação diferente, situação de seus relacionamentos e também das diferentes posições que ocupam dentro do sistema familiar. Um poderá carregar toda a raiva da família, outro, só permanecer em contato com a tristeza, um poderá demonstrar alívio enquanto o outro permanecerá entorpecido.

O participante A. (41 anos) relatou que o casal permaneceu sempre junto e que a sua esposa o ajudou muito nos momentos de maiores turbulências. Quando questionado sobre qual dos dois sentiram maiores dificuldades em aceitar a morte do filho, o entrevistado respondeu que não tinha dúvidas que a mãe sofreu muito, mas que para ele foi muito mais difícil aceitar. E ainda relata que diante da perda passou por uma fase de depressão.

*“...a morte do G. ela trouxe depressão pra mim, pra S. ela não trouxe a depressão. Talvez a S. tenha sido mais forte do que eu, mais, eu acho que foi muito igual a dor. Talvez, mãe dói muito mais do que pai, entendeu? Eu não tenho dúvidas disso, saiu do ventre dela, ela tem mais dor do que eu, mas ela foi mais forte do que eu.”*

Depois da morte de G. o participante da pesquisa disse que os cuidados com os outros filhos aumentaram; todas as vezes que um dos filhos vomitava surgia então uma grande preocupação por parte dos pais, pois este era um sintoma no início da doença do filho que faleceu.

*“...teve mais neurose, só, mais aquele negócio da gente ficar neuro, de ta vomitando e a gente já fica louco. Porque um dos sintomas do início da doença do G. era o vômito, todo dia de manhã ele acordava e vomitava, porque o tumor ia crescendo e empurrando o cérebro, aí ele vomitava. A gente tem assim, a gente tem uma tranquilidade, porque a gente sabe eu não ta livre de perder outro filho.”*

Percebe-se neste relato que A. (41 anos) demonstra uma certa insegurança em lidar com a doença de seus outros filhos, principalmente quando os sintomas eram semelhantes aos de G., este comportamento está intimamente relacionado com os ensinamentos de Worden (1998), de que a morte de uma criança abala de uma maneira muito forte o equilíbrio de uma família, os irmãos enlutados acabam tornando-se inconscientemente foco de manobras destinadas a aliviar os sentimentos de culpa dos pais, portanto com grande possibilidade de serem colocados em uma posição que substitua a criança perdida.

Uma outra forma de manter o vínculo com o filho que morreu seria a necessidade de estar em contato com as fotografias. Para Rangel (2008), este movimento cria uma ponte entre a vida e a morte do filho. Essas fotografias são na realidade ilustrações de suas histórias que expressam como o morto viveu e como se relacionava com as pessoas e o mundo, assim como outros artefatos tem grande importância no ajustamento à vida sem o filho, pois são lembranças do filho em vida, facilita relatos de suas memórias, do que foi vivido com o filho e é também uma maneira de apresentar o filho morto para aqueles que não o conheceram.

Em relação às fotografias S. (41 anos), disse que por ela a casa estaria cheia de fotografias do filho que morreu, mas seu marido não quer, por isso as mantém guardadas e se emociona ao dizer que gostaria de ter uma parte do seu filho com ela, alguma coisa que fizesse lembrar dele.

*“Ah! Eu tenho uma linda foto dele ali, na casa da minha mãe tem uma dele, todinha, era cheia a casa de fotografia, de coisas dele. Mas o A. quer não. Mas assim, a gente não consegue ver fitas e fotos de quando, de aniversário dele, de nascimento dele, isso aí ta tudo escondido, guardado, mas por causa do A., porque se tivesse aqui perto de mim eu tava olhando.”*

*“...quando ele tava doente, caiu um dentinho dele na frente sabe, soltou, aí eu peguei e pus de novo no lugar, porque lógico, não ia acontecer nada com ele, não ia morrer, ia ficar sem o dente da frente? Coloquei de novo assim, apertei e o dentinho grudou de novo. Mas hoje eu penso, se eu tivesse ficado com aquele dentinho, eu teria uma parte dele comigo. Então era isso que eu queria, ter alguma coisa dele ainda, não deu certo. Não é fácil não!”*

O apoio da família faz com que qualquer tipo de adversidade seja enfrentado de um modo mais fácil. Este amparo fará com que a pessoa enlutada sinta que seus próprios esforços e autovalores estão sendo nutridos e reforçados. Quando ocorrem eventos catastróficos, o conforto e a segurança vindo de relacionamentos afetivos são fundamentais (WASH, 2005).

Nos relatos de F. (33 anos), nota-se que o apoio recebido pela sua família, principalmente na época da morte de sua filha, foi um dos fatores que facilitaram o processo de luto vivenciado por ele.

*“... a única pessoa que eu posso falar assim que tava desde o começo comigo foi o meu pai e a minha mãe, esse aí não largou eu por um segundo sequer. Desde quando começou até a hora que terminou... por isso eu digo, foi muito importante pra mim.”*

Para Franz, Farrel e Trolley (2001, apud RANGEL, 2008, pág. 303), entre os aspectos positivos encontrados no luto esta a fomentação de um crescimento espiritual traduzido em um fortalecimento do sistema de crença em Deus e a visão de outro mundo,

fazendo com que o enlutado transcenda sua perda, aprofunde sua espiritualidade e desperte novas experiências nesse plano. Muitos encontram alívio para a perda na religião, considerando-a como o único modo de fornecer forças para o enfrentamento.

Quando questionada se alguém da família precisou de algum tipo de ajuda M. (62 anos), disse que a única ajuda que tiveram foi a de Deus. A entrevistada se emocionou ao relatar que pedia a Nossa Senhora forças para conseguir chegar até o fim.

*“...a nossa ajuda foi Deus. Foi Deus, porque a gente tinha muita fé, a gente tem, eu pedi muito pra Nossa Senhora que me desse força pra mim acompanhar ela, porque eu queria ir até a última hora (choro). Então eu pedi muita força, e eu tenho certeza que foi Jesus e Nossa Senhora me ajudou muito”*

*“O Senhor me deu pra mim, mas ela é muito mais sua do que minha, o Senhor escolheu eu como mãe, mas o Senhor é o pai e o Senhor sabe de todas as coisas, faça o melhor pra minha filha.” Ai quando eu voltei pra São Paulo né, eu só escutava ali na cabeceira dela, eu pedi, eu pedi, e nessa semana a minha filha foi embora.”*

Foi possível verificar a grande influência que a fé teve e continua tendo sobre o processo, pois os casais acreditam que foi através dela que conseguiram subsídios para amenizar o sofrimento e rumarem para a aceitação.

Outro aspecto que chamou a atenção nos dados obtidos, foi a disparidade encontrada em alguns casais no que tange à necessidade de se falar sobre o filho morto. Não houve consenso para saber se esta forma de proceder traria benefício ao casal. Enquanto que para um a necessidade era tamanha, para o outro esse contato trazia incômodo, tristeza e irritação. Esta dificuldade do casal em trocar experiências subjetivas que se referiam à fase de luto, faz com que o processo da perda se torne mais tenso e moroso, pois o fato de não poder ser ouvido pelo respectivo cônjuge impossibilitava o esvaziamento emocional.

Já em relação às doenças que acometem os outros filhos percebe-se que a perda do filho deixou máculas que ainda são motivos de incômodo para esses casais. A impotência diante da morte faz com que esses pais redobrem os cuidados com os que aqui ficaram, e esta preocupação excessiva nos cuidados acaba resultando em comportamentos de super proteção.

Observa-se que o perder está ligado não somente ao aspecto físico, mas também ao psicológico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através das narrativas dos pais verifica-se que as recordações de tudo aquilo vivido ao lado dos seus filhos ocupa um lugar importantíssimo em suas vidas. O vínculo afetivo criado entre eles, ainda se faz muito presente, pois ao serem indagados à respeito de quantos filhos tinham, todos, de forma bastante natural incluíram o filho morto como membro da família.

Acreditar que a normalidade do cotidiano seria restabelecida ficaria fora de cogitação, pode-se constatar que a maioria dos casais desenvolveram diante da perda novas formas e habilidades para continuarem suas vidas, criando projetos e traçando planos para o futuro, só que agora, sem a presença do filho. Ocorrem situações no dia a dia que fazem com que esses pais resgatem a memória do filho, causando-lhes alegria, tristeza ou frustração.

Observa-se nos comportamentos daquelas pessoas que supostamente conseguiram elaborar o processo de luto, o contato com a realidade acontece de forma menos desconfortante. Percebe-se que as narrativas trazem consigo o tom da saudade e não mais, o da dor e o da revolta. O apoio encontrado nos familiares e amigos foi um dos motivos para que o enlutado encontrasse forças para a superação do luto. Para aqueles que ainda não conseguiram elaborar o processo, os efeitos da dor são, supostamente, tão devastadores quanto àqueles pelos quais passaram na época da morte, pois não conseguem fazer com que essas lembranças tenham outro significado para suas vidas a não ser onde um vazio absolutamente nada ocupa. Este sentimento é motivo de revolta e de grande angústia. Esses pais optaram por se afastarem do mundo, recusando a ajuda de outras pessoas, evitando o contato com acontecimentos ou lembranças que os façam recordar de seus filhos.

Percebe-se um grande comprometimento na qualidade de vida destes participantes que ainda não conseguiram elaborar estes conflitos internos, pois esta desorganização psíquica acaba afetando suas tarefas cotidianas.

Partindo desta comparação surge a compreensão que o processo de luto está intimamente ligado às questões referentes ao apoio recebido das pessoas que fazem parte do mundo externo e às forças interiores que esses pais disponibilizam para elaborar o seu próprio luto.



Além disso, percebe-se a presença de Deus em todas as narrativas referentes à superação do luto. Não levando em conta uma religião específica, nota-se que foi através da espiritualidade que esses casais encontraram forças para reestruturar suas vidas. Foi possível verificar a grande influência que a fé teve e continua tendo sobre todo processo, pois os casais acreditam que foi através dela que conseguiram encontrar subsídios para amenizar o sofrimento e rumarem para a aceitação.

Outro aspecto que chamou a atenção nos dados obtidos, foi a disparidade encontrada em alguns casais no que tange a necessidade de se falar sobre o filho morto; não houve consenso para saber se esta forma de proceder traria benefícios ao casal; enquanto que para um a necessidade de estar relembando as memórias do filho era tamanha, para o outro esse contato trazia incomodo, tristeza e irritação. Esta dificuldade do casal em trocar experiências subjetivas que se referiam à fase de luto, fez com que o processo da perda se tornasse mais tenso e moroso, pois o fato de não poder ser ouvido pelo respectivo cônjuge impossibilitava o esvaziamento emocional.

Por outro lado, por estarem passando por um momento inesperado e de importante turbulência, nota-se nestes casais uma grande preocupação em não deixar que esta desorganização, causada pelo luto venha a atingir suas famílias, o que resultaria em uma possível desintegração. A partir de então verifica-se que o luto ao invés de afastar o casal acabou trazendo uma maior aproximação entre eles nas questões do dia a dia. Porém, com dificuldades para a verdadeira aproximação, pois ainda não conseguem dialogar sobre a morte do filho.

Nesta pesquisa não foi encontrada a ideia de que sistematicamente, é o homem que demonstra maior resistência diante dar dor, e que as mulheres por serem mais frágeis acabam que passando por um maior sofrimento diante deste acontecimento. Ao aparelhar as entrevistas constata-se que houve uma alternância nestes papéis, pois em alguns casos foi a mãe que demonstrou habilidades e uma maior disposição diante da morte do filho, elaborando seu próprio luto e ao mesmo tempo servindo de suporte ao companheiro, que diante deste episódio veio a demonstrar maior sensibilidade.

Já em relação a doenças que acometem os outros filhos percebe-se que a perda do filho deixou máculas que ainda são motivos de incomodo para esses casais. A sensação de impotência diante da morte faz com que esses pais redobrem os cuidados com os que aqui ficaram, e esta preocupação excessiva nos cuidados acaba que resultando em comportamentos de superproteção. Nota-se que em todas as entrevistas os pais têm consciência deste ato, mas acreditam que agindo desta maneira, afastam a possibilidade da história se repetir, não deixando espaço para que o sofrimento volte a fazer parte do contexto familiar.

Para se adequarem a essas mudanças que aconteceram depois da morte do filho a grande maioria dos pais tiveram que reestruturar suas próprias vidas, mudando hábitos e costumes. Observa-se que o perder está ligado não somente ao aspecto físico, mas também ao psicológico. Percebe-se um grande desequilíbrio na qualidade de vida daqueles participantes que ainda não conseguiram elaborar estes conflitos internos, pois esta desorganização psíquica acaba que influenciando de maneira negativa suas tarefas cotidianas.

Em relação a este assunto depara-se com uma grande insatisfação diante do relato daqueles pais que procuraram ajuda de um profissional de saúde. Percebe-se que toda a frustração estava relacionada às expectativas criadas em torno do profissional, pois os pais acreditavam que em pouco tempo resolveriam os seus problemas, e como isso não ocorreu, optaram por abandonar o tratamento.

Comparando os dados obtidos nesta pesquisa percebe-se que diante da morte de uma pessoa querida e significativa as pessoas em sua grande maioria não buscam pela ajuda de um profissional da saúde, deixando esta procura para uma última instância.

Apesar das expectativas criadas em torno destes profissionais, principalmente sobre o psicólogo, acredita-se que este apoio é de grande importância para àquelas pessoas que diante de uma perda significativa estão passando por momentos de desequilíbrio causados pelo luto.

Ainda se tratando de luto, pode-se observar que os resultados desta pesquisa de campo corroboram a teoria proposta neste trabalho, de que se tratando da morte de um filho, todos os pais passam pelo processo da perda, mas a experiência se dará de forma singular, devido aos seus modos de enfrentamento e o tipo de contato que mantinham com a criança.

Entre os resultados referentes à durabilidade prevista para esta elaboração do luto houve uma grande discrepância. Percebe-se que cada indivíduo teve o seu próprio tempo, algumas pessoas solucionaram seu luto de uma maneira mais rápida, outros precisaram de um tempo bem maior, e outros ainda não completaram este processo. Por se tratar de uma experiência única e intransferível, acredita-se que o respeito e a compreensão são as melhores formas de se fazer presente diante de um enlutado.

Diante de todas as informações obtidas e posteriormente analisadas pode-se concluir que o luto influencia sim a cotidianidade dos pais após a perda de um de seus filhos, independentemente do tempo da morte, pois as recordações ainda permeiam suas vidas, fazendo com que aflorem sentimentos e atitudes devido às essas lembranças, mesmo nos casos compreendidos como não patológicos.

Enfim, compreender os efeitos que o luto traz para a vida desses pais desvendou fatores importantes a serem pesquisados. Como a fê foi um aspecto citado por todos os casais, é importante que sejam feitos estudos posteriores que abram horizontes para compreendermos com maior precisão esta estreita relação entre luto, espiritualidade e superação.

Percebe-se que também na maioria dos pais que participaram da entrevista, sempre existia uma pessoa entre o casal que assumia a posição de esteio, criando habilidades e demonstrando forças para que a família não se abalasse ainda mais com este acontecimento. Sendo assim, propomos que futuras pesquisas sejam realizadas, para investigar o que leva essas pessoas a assumirem esses papéis em um momento tão difícil e delicado de suas vidas.

Percebe-se que o luto pela perda de um filho é um processo de constante elaboração. Aqueles pais que conseguiram dar um novo significado para suas vidas tiveram que adaptar-se em um mundo que não conta mais com a presença do filho.

Cabe ressaltar, que a forma de lidar com o luto não deve ser a forma patológica, mas considerando-o, como já foi descrito anteriormente, um processo difícil, porém possível de ser enfrentado. Sendo assim, nos permitimos a fazer uma ressalva crítica ao uso do DSM-5, pois esse Manual Diagnóstico, tornou-se uma classificação pouco criteriosa quanto ao luto, permitindo aumentar o número de indivíduos que podem vir a ser diagnosticados com algum tipo de transtorno mental. Portanto, seu uso deve ser por pessoas habilitadas, assim evitando falsos diagnósticos de transtornos mentais, a medicalização dos sintomas, e não a assistência interdisciplinar. Sendo o que nos coube relatar, propomos ainda que estudos posteriores sejam realizados, sobretudo no que diz respeito aos novos critérios diagnósticos para os transtornos mentais, bem como, a não patologização de processos de perdas e as possíveis reações normais.

## BIBLIOGRAFIA

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.**: tradução técnica: Aristides Volpato Cordioli. 5 Edição, Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOWLBY, J. **PERDAS: Tristeza e Depressão**(trilogia apego e perda, v.3 ) 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CARVALHO, M.C.B **A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA EM DEBATE.** 7ª. ed. São Paulo: EDUC,2006

COTRIM, G. **FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA: Ser, Saber e Fazer** 13ª ed. Editora Saraiva, 1997

FLICK, Uwe; **UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA.** 2ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2004

KOVACS, M. J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, dez. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2008000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 ago. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>

MOREIRA, D. A. **O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA PESQUISA.** São Paulo: Thomson – Pioneira, 2002.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **DESENVOLVIMENTO HUMANO.** 8ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.

PARKES, C. M. **LUTO:Estudos sobre a perda na vida adulta.**São Paulo: Summus, 1998 ( Novas buscas em psicoterapia; v. 56 ).

RANGEL, A. P. F. N. **AMOR INFINITO: Histórias de pais que perderam seus filhos.** São Paulo: Vetor, 2008.

SILVA, A. C. O. e; NARDI, A. E. Luto pela morte de um filho: utilização de um protocolo de terapia cognitivo-comportamental. **Rev. psiquiatr.** Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 32, n. 3, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082010000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082010000300008&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 04 ago. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082010000300008>.

VIORST, J. PERDAS NECESSÁRIAS. 4ª. ed., São Paulo: Melhoramentos 2005.

WALSH, F. FORTALECENDO A RESILIENCIA FAMILIAR. São Paulo : Roca, 2005.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. MORTE NA FAMÍLIA: **Sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WORDEN, J. W. TERAPIA DO LUTO: **Um manual para o profissional da saúde mental**. 2.ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.